

MAPAS DA CIDADE E LITERATURA AMADIANA: TEXTOS CULTURAIS QUE POSSIBILITAM A AFIRMAÇÃO DA IDENTIDADE E A VALORIZAÇÃO DO TURISMO LOCAL¹

Juliana Santos Menezes²

RESUMO

O trabalho analisa as imagens de Ilhéus ficcionalizadas pelo escritor Jorge Amado e como elas podem ser utilizadas para a valorização da cultura local e para o desenvolvimento do turismo, agregando significado e valor ao patrimônio reunido no Quarteirão Jorge Amado. Discute patrimônio, turismo cultural, cultura e literatura, conceitos que fundamentam a pesquisa. Traça um mapa cultural de natureza imaterial ao investigar o patrimônio imaterial como elemento relevante para a configuração da identidade da Região Sul-Baiana. Constrói um mapa cultural de natureza material ao abordar o patrimônio material de Ilhéus focalizado na obra amadiana e analisa a sua importância para o turismo. Examina a relevância de um planejamento interpretativo para que haja uma relação eficaz entre turismo e patrimônio cultural. A pesquisa parte do pressuposto de que a literatura influencia e é influenciada pela história; e de que o turismo cultural pode andar junto com a sustentabilidade na medida em que se busquem alternativas capazes de contribuir para a promoção do bem estar da comunidade, garantindo a valorização de sua identidade cultural e o fortalecimento da economia. O estudo da cidade de Ilhéus através das descrições amadianas demonstrou a influência da literatura na valorização da cidade como centro turístico, o que implica na necessidade de projetos que visem a preservação do patrimônio. Um planejamento interpretativo que envolva a comunidade, assim como ações que valorizem a cultura local e a experiência do turista são possíveis soluções para o desenvolvimento de um turismo cultural sustentável.

Palavras-chave: Cultura, interpretação do patrimônio, literatura, mapas culturais, turismo.

Introdução

Este trabalho procura refletir sobre a relação patrimônio-cultura-turismo, através do estudo das imagens da cidade de Ilhéus ficcionalizadas pelo escritor Jorge Amado, de maneira que contribua para a valorização da cultura local e para o desenvolvimento de um turismo cultural sustentável.

¹ Trabalho que faz parte dos estudos inseridos na dissertação de Mestrado “Da literatura ao turismo cultural – o caso do Quarteirão Jorge Amado”, sob orientação da Prof^a Dr^a Maria de Lourdes Netto Simões. Publicado na Revista Literatta – Revista do Centro de Estudos Portugueses Hélio Simões/Universidade Estadual de Santa Cruz, Departamento de Letras e Artes- n. 3 (2007- 2008). – Ilhéus: Editus, 2008. 399p. Disponível em http://www.uesc.br/dla/cephs/literatta_2008_correcao2.pdf

² Mestre em Cultura & Turismo, pesquisadora do Grupo Identidade Cultural e Expressões Regionais – ICER, do Departamento de Letras da Universidade Estadual de Santa Cruz, Professora da Universidade Estadual de Santa Cruz e da Faculdade Madre Thaís. jumenezes2@hotmail.com

A obra do escritor Jorge Amado tem sido responsável por boa parte da divulgação da cidade de Ilhéus, por ter ficcionalizado muito da vida, dos costumes e da identidade da região. Por causa disso, Ilhéus é conhecida mundialmente como Terra de Jorge Amado, Terra da Gabriela e Terra dos Coronéis do Cacau.

Devido a essa projeção, o leitor amadiano tem especial interesse em conhecer a cidade e identificar locais históricos habitados pelas personagens ficcionais. Dentre outras razões, esse interesse tornou imprescindível a preservação do patrimônio cultural. O poder público, em função disso, formatou atrativos turísticos potencializando a imagem e a recepção do escritor grapiúna no cenário mundial.

As imagens da terra de Jorge Amado constituem uma temática de inquestionável relevância por promoverem reflexões acerca de questões identitárias e culturais, já que, ao ficcionalizar a sua terra, como acontece nos romances *Cacau* (1933), *Terras do Sem Fim* (1942), *São Jorge dos Ilhéus* (1944), *Gabriela, Cravo e Canela* (1958), *Tocaia Grande: A Face Obscura* (1984) e *A Descoberta da América pelos Turcos* (1994), o autor não só deu visibilidade à identidade de sua região, como também foi considerado universal.

Objetivando discutir a obra e a sua apropriação pelo turismo, este estudo destaca o Quarteirão Jorge Amado, roteiro turístico-cultural, localizado no centro da cidade de Ilhéus, que tem por base as imagens desta cidade ficcionalizadas na obra do escritor grapiúna. O Quarteirão reúne um manancial de elementos culturais, sociais e históricos que particularizam a região, corroborando para a compreensão de sua identidade e para a valorização da cultura local, além de servirem de atrativos intensificadores do turismo da cidade.

No entanto, tem-se observado que parte da comunidade local mal sabe localizar o Quarteirão e quase não conhece as histórias contadas por Jorge Amado, muito menos o seu valor cultural, social e histórico. Isto acaba dificultando a preservação do patrimônio e a valorização da cultura. A população não compreende o valor intrínseco que há na restauração e revitalização do patrimônio cultural e, portanto, não interage de forma a contribuir para preservação da sua cultura.

Considerando tal problemática, este estudo analisa como agregar valor e significado ao patrimônio cultural da cidade de Ilhéus, reunido no roteiro turístico-cultural Quarteirão Jorge Amado, através do conhecimento da obra amadiana, de forma a que tanto moradores quanto visitantes tenham uma melhor compreensão e apreciação do lugar, incorporando atitudes para a sua valorização.

O patrimônio cultural (material e imaterial) e o patrimônio natural da cidade estão imortalizados através dos romances amadianos *Terras do Sem Fim, São Jorge dos Ilhéus, Gabriela, Cravo e Canela*, entretanto, neste trabalho, toma-se como *corpus* basilar da análise apenas os romances *São Jorge dos Ilhéus, Gabriela, cravo e canela e Tocaia Grande: A face obscura*. Os primeiros por apresentarem imagens marcantes, de referências culturais e identitárias da região Sul da Bahia e, mais especificamente, da cidade de Ilhéus. A opção pela análise do livro *Tocaia Grande*, embora não tenha como ambiência predominante a cidade de Ilhéus, torna-se pertinente, uma vez que faz referência à face obscura, ao outro lado da conquista da terra; tem como foco não os coronéis, mas sim o cotidiano dos sergipanos, alagoanos, negros, árabes, grupos étnicos que representam as minorias, que também contribuíram, no processo de hibridação cultural, para a configuração da identidade da região.

O trabalho tem por base a literatura, elemento cultural que influencia e é influenciado pela história (SIMÕES, 1998) e se constitui como uma realidade imaginada capturada do vivido e constituída em sentido. Enfocado na perspectiva antropológica, o texto literário é, portanto, uma duplicação da realidade que é integrada ao imaginário ficcional “como se” fosse (ISER, 1996). Como elemento que é influenciada pela história, a literatura expressa a cultura de um povo que passa a ser conhecida através do texto.

Nessa perspectiva, o leitor ao ter conhecimento da cultura, sente-se instigado a conhecer, na realidade, o que já foi visto na ficção. Assim, o turismo torna-se elo entre a ficção e a realidade. E é desta maneira que se estreita, neste trabalho, a relação entre cultura e turismo. No entanto, sabe-se que nem sempre o patrimônio é valorizado por seu valor cultural, mas apenas por suas implicações de consumo, o que provoca a banalização da cultura, entendida aqui como os traços existentes concretos de todos os povos, isto é, os modos de vida e produção, os sistemas de valores, as opiniões, as crenças, hábitos, ritos, literatura, idioma, enfim todas as manifestações da existência humana (GARRETA, 1999).

Com base nestes preceitos, procura-se abordar a cidade de Ilhéus e a sua cultura através do conhecimento de seu patrimônio sob a perspectiva do que aqui é chamado de mapas culturais. Neste estudo é feita uma apropriação da concepção matemática de mapeamento como a aplicação de uma configuração em outra, transpondo-a para a proposição da idéia de mapa de bens simbólicos desenvolvido por Simões (2004), que aqui é considerado como mapas culturais. Desta forma, intenta-se compor um mapa

cultural de natureza imaterial a partir da análise das imagens da cidade de Ilhéus ficcionalizados por Jorge Amado, com vistas a uma configuração da identidade da região. O Quarteirão Jorge Amado foi estudado com vistas a se produzir um mapa cultural de natureza material a partir da ficção amadiana. Sob o ponto de vista deste mapa, o patrimônio cultural material da cidade é analisado, observando como vem sendo aproveitado para a valorização do turismo cultural de Ilhéus e sugerindo ações para a aplicação de estratégias interpretativas que atribuam o valor de significado (MARTIN, 2001) ao roteiro turístico-cultural Quarteirão Jorge Amado, fazendo com que turistas e comunidade compreendam a história e a formação de sua identidade através do patrimônio material construído e para que se desenvolva um turismo cultural sustentável.

Este estudo conclui que a formatação do Quarteirão Jorge Amado é uma importante iniciativa para a dinamização do turismo cultural. Um planejamento interpretativo que envolva a comunidade, assim como ações que valorizem a cultura local e a experiência do turista são possíveis soluções para o desenvolvimento de um turismo cultural sustentável.

Patrimônio cultural e mapas da cidade

A abordagem da cidade a partir da problemática patrimonial implica numa reflexão sobre a noção de patrimônio que, ao longo dos anos, foi adquirindo diferentes significados, modificando também a maneira de compreendê-lo. A palavra é de origem romana: *patrimonium* e significa “bem de herança que é transmitido dos pais para os filhos por força da lei” (CHOAY, 2001, p.11). Durante muito tempo, o termo foi entendido como o coletivo das obras monumentais, as grandes propriedades de luxo, as edificações oficiais e igrejas. Na verdade, essa seria a noção de patrimônio histórico. Há algumas décadas, verifica-se o alargamento deste conceito com a inclusão do aspecto cultural e das “dimensões testemunhais do cotidiano e os feitos intangíveis” (PELLEGRINO, 2003, p.1) propiciando a transição da noção de patrimônio histórico para patrimônio cultural.

Os bens patrimoniais são materialidades e práticas culturais que se destacam no tecido urbano e nas manifestações populares por mediar diferentes e memoráveis fatos históricos e personagens ilustres ou por representarem heranças culturais, técnicas e estéticas de tempos passados. Os bens provenientes do passado carregam traços

culturais de seu tempo e os interpretam no presente, compondo um espaço em suas múltiplas paisagens (PELLEGRINO, 2003). Esses espaços são ressignificados ou reconfigurados (SIMÕES, 2002), sendo devolvidos à comunidade preservando os seus aspectos históricos e culturais.

Os bens patrimoniais, no que diz respeito à sua esfera material, podem ser incluídos num grupo diversificado de monumentos e seu entorno, os conjuntos arquitetônicos e sítios urbanos históricos, Igrejas, Palácios, Conventos, Solares, Casas Grandes, construções de luxo e conjuntos de utensílios. São considerados bens patrimoniais imateriais as manifestações das culturas populares, festejos tradicionais, rituais, técnicas produtivas, cantos, contos, lendas, além de hábitos, costumes e crenças de uma sociedade.

Neste mundo globalizado, as formas de percepção das cidades estão diferenciadas, abrangendo turistas interessados em conhecer não apenas o espaço físico, mas os espaços como lugares de realizações sociais e culturais, buscando e adotando uma postura reflexiva, metaintelectual ou estética para as experiências culturais divergentes (FEATHERSTONE, 1998). Assim, as cidades podem ser apreendidas sob a perspectiva de diferentes mapas citadinos, não só aqueles que sinalizam aspectos geográficos para orientações turísticas. Os aspectos culturais, como os bens simbólicos materiais e imateriais, nesse sentido, também constituem possibilidades de construção de mapas, nesse caso, os mapas culturais. A leitura desses diferentes mapas é uma espécie de leitura das cidades, com sua história, sua cultura e relações sociais. Cada mapa apresenta fragmentos de uma cidade que, quando sobrepostos são capazes de atribuir significados a espaços físicos.

Dessa forma, um turista pode explorar a cidade seguindo o mapa cultural de natureza material que abrange aspectos arquitetônicos, espaços edificados onde estão inscritos os vestígios da história, oferecendo a oportunidade de rememorar ou fazer com que outras gerações conheçam acontecimentos passados.

Os fragmentos do passado explícitos nas edificações, nos espaços, nas ruas são importantes maneiras de conhecimento da história de uma cidade e das suas relações sociais. Esses fragmentos ativam a memória, fazendo com que o passado se mantenha vivo no presente e que se façam projeções para o futuro através das imagens projetadas no imaginário no momento em que se observam seus monumentos.

Seguindo esse raciocínio, a cidade pode ser considerada como um lugar de memória, no sentido dado por Nora (1993), e os monumentos do passado também

constituem lugares de memória. Estes lugares abrangem não só as edificações, mas todos os documentos de cultura, isto é, toda a produção estética, incluindo a literatura, as artes plásticas, a música, além da imprensa e da iconografia da cidade. Para Nora, os lugares de memória são aqueles que possuem simultaneamente em sua essência os aspectos material, simbólico e funcional. Material porque possui um conteúdo demográfico; funcional porque ativa a lembrança e incentiva a sua transmissão; e simbólico porque representa um acontecimento vivido por uma minoria.

A cidade é aqui entendida como um espaço cultural privilegiado por apresentar articulações sociais, étnicas e culturais ocorridas no cotidiano e que contribuem para a formação das identidades. “Este tipo de aproximação tem conseqüências para a construção da cidadania cultural, porque esta cidadania não se organiza somente sobre princípios políticos, segundo a participação ‘real’ em estruturas jurídicas e sociais, mas também a partir de uma cultura formada nos atos e interações cotidianas, e em projeção imaginária desses atos em mapas mentais da vida urbana” (CANCLINI, 1997, p. 96). Assim, a literatura e outras artes podem retratar características próprias da cidade recuperadas pela memória ou pelos traços da história encontradas na arquitetura de seus monumentos, fazendo com que os moradores da cidade e os turistas conheçam a sua cultura e a sua história através de suas obras, podendo construir a sua própria imagem sobre ela. Nesse caso, é possível, ao turista, olhar a cidade e detectar a sua cultura, através do mapa cultural de natureza imaterial, que traz diversas informações sobre a história, a cultura e as manifestações culturais de um lugar.

Em se tratando da literatura especificamente, o turista-leitor (SIMÕES, 2002) instigado pelas imagens que passaram a povoar o seu imaginário através da leitura do texto ficcional, pode ser movido a conhecer, na realidade, aquilo que já foi conhecido ficcionalmente. Sobre o assunto, Simões afirma que o leitor-turista, ao interpretar o imaginário ficcional, tem a sua curiosidade aguçada para conhecer a paisagem que inspirou o texto literário. E assim o leitor-turista transforma-se em turista-leitor, quando viaja para conhecer o mapa traçado pelo escritor ao compor o seu texto ficcional. Este seria um mapa do espaço ficcional pelo qual o turista pode seguir para conhecer as cidades, explorando-as através das imagens conhecidas antes, nas páginas do livro.

No caso da ficção amadiana em estudo, pelo mapa cultural de natureza imaterial e pelo mapa cultural de natureza material é relida a cidade de Ilhéus, pensando o patrimônio imaterial e material como cenário do texto ficcional e da cidade, reinterpretada por fragmentos do passado, valiosos pelo que há de significação nele.

Estes dois mapas formam o mapa do espaço ficcional da cidade de Ilhéus sinalizado por Jorge Amado que permite ao turista-leitor conhecer os espaços físicos focalizados nos romances e as realizações culturais e sociais que perpassam por esses espaços, dando-lhes significados. Para a apreensão do passado e da alma de uma cidade, os mapas são sobrepostos e não seguidos separadamente, pois, de acordo com Barthes (1997) é tarefa absurda elaborar as significações da cidade pondo de um lado os lugares, os bairros, as funções, e de outro as significações.

Assim, o passado pode ser conhecido na medida em que os mapas são percorridos, fazendo um percurso em que o passado é somado com as experiências do presente e reinterpretado. A memória se faz importante por sua capacidade de agir sobre o presente, contribuindo para a afirmação da identidade.

Seguindo este raciocínio, a busca da memória torna-se uma questão essencial diante das transformações advindas da globalização que impõe uma cultura cada vez mais homogênea, provocando no indivíduo um sentimento de perda da identidade, de seu passado e de suas raízes. Essa busca pela memória se, por um lado, indica uma crise de identidade, por outro, tem incentivado políticas públicas de gestão do patrimônio com o objetivo de sanar essa necessidade de memória e contribuir para o fortalecimento da identidade, aproximando a comunidade da sua própria história. A valorização e preservação do patrimônio são formas de manifestação de gestões públicas, que podem envolver a restauração, revitalização, reconfiguração ou ressignificação dos bens patrimoniais. Ao se pensar em gestão do patrimônio é imprescindível a escolha cuidadosa da forma de recuperação física do bem material para que não sacrifique o seu valor histórico, pois as práticas de preservação do patrimônio sem dispor de um referencial histórico, sem atribuir um valor particular ao tempo e à duração, sem ter colocado a arte na história, é desprovido de sentido (CHOAY, 2001).

A preservação do patrimônio também envolve a produção de conhecimento, provocando uma aproximação entre presente e passado. Nesse sentido, a preservação não significa o congelamento e a imobilização das cidades no tempo, pelo contrário, a preservação do patrimônio tem a ver com a preservação da alma, a afirmação dos valores culturais, respeito à tradição e à sua identidade (CANCLINI, 1998).

A busca da preservação do patrimônio, dessa maneira, incentiva a restauração e a revitalização de bens patrimoniais para serem utilizados como recursos turísticos. Esta é uma importante forma de preservação da memória e, ao mesmo tempo, de melhorar a economia do lugar, dinamizando o turismo. Entretanto, a restauração e revitalização do

patrimônio para o aproveitamento turístico vêm preocupando especialistas e estudiosos da área de cultura, pois “o patrimônio deixa de ser valioso por sua significação na história e passa a ser valioso porque pode ser ‘vendido’ como atrativo turístico” (BARRETTO, 2000, p.32), valorizando apenas o seu aspecto econômico-financeiro.

A ficção de Jorge Amado e o Quarteirão - mapas culturais e turismo

A literatura, como um elemento que é influenciado pela história, pode traduzir fatos históricos e elementos culturais sinalizadores da identidade de uma região, integrando-os ao imaginário ficcional.

O escritor Jorge Amado é um dos romancistas que, na sua ficção, foca aspectos identitários, culturais e históricos da cidade de Ilhéus, sendo possível a compreensão da história da formação da sociedade ilheense, através da leitura de sua obra.

Tomando como referente suas vivências, os fatos históricos e os “causos” contados pelos mais velhos, Jorge Amado sinaliza um mapa onde são focalizadas a saga do cacau, a luta pela conquista das matas e histórias de mulheres sensuais, que aconteceram nestas terras-do-sem-fim. São histórias que enfocam a formação da identidade da Região Sul da Bahia.

É a partir da relação entre o vivido e o imaginado que o escritor sinaliza o mapa cultural da cidade de Ilhéus com fatos, personagens e lugares históricos que dialogam com outras histórias que povoam o seu imaginário, aproximando a sua literatura da realidade.

Escrevendo os seus romances de maneira descritiva e plástica, como se estivesse pintando um quadro com palavras, Jorge Amado dá visibilidade ao seu texto (CALVINO, 1995), fazendo com que o leitor seja levado a ver a cena como se esta se desenrolasse diante de seus olhos.

Além de uma descrição plástica do espaço físico, do patrimônio natural e cultural, Jorge Amado conta, através da construção de perfis humanos, a essência de seu povo, seus anseios, costumes e hábitos, a vida de um povo que possuía o visgo do cacau grudado nos pés e no coração, sinalizando, assim, a identidade da região que, segundo Simões (1999), é configurada a partir da formação do perfil humano composto pelos coronéis, jagunços, ruralistas com seus costumes, tradições, crendices e superstições.

Ao ocupar-se das características e dos costumes do povo sul baiano, Jorge Amado demonstra a sua preocupação com as questões sociais, o que atribui à sua obra

um caráter sociológico e ao mesmo tempo popular. Ao revelar a essência de seu povo, o escritor de Gabriela focaliza aspectos da sociedade e das relações sociais existentes na Região Sul da Bahia. Esta tendência em ficcionalizar aspectos sociais, psicológicos, econômicos e políticos revela um Jorge Amado que valoriza a sua região e, ao mesmo tempo, contribui para a formação da identidade local.

Uma outra característica do estilo amadiano é uma linguagem oral quase tão natural quanto verdadeira, que atribui aos seus personagens uma maneira muito particular de se expressar, aproximando os diálogos da ficção dos falares populares da vida real.

Em alguns de seus romances, o autor focaliza a cidade de Ilhéus desde a época do desbravamento, conquista e luta pela posse das terras, assim como o seu progresso e crescimento, apogeu e queda dos coronéis, até mesmo, a vida política e econômica. Pode-se dizer que Jorge Amado faz mais do que uma descrição plástica, faz sim uma radiografia da cidade de Ilhéus e de seu entorno, fazendas e matas.

Desta forma, Jorge Amado conta que, com a chegada do cacau no sul da Bahia, foram surgindo os componentes que caracterizam a identidade da região do cacau, fornecendo normas, costumes e hábitos. A esse respeito, Adonias Filho afirma que à proporção que o cacau altera a paisagem, a empurrar e diminuir a selva, a abrir fazendas, a estabelecer um sistema de comércio, conforma culturalmente a região com características tão marcantes que se pode falar em civilização baiana do cacau (ADONIAS FILHO, 1976).

É sobre essa civilização que o autor de *Gabriela* se ocupa nos romances *São Jorge dos Ilhéus*, *Gabriela*, *Cravo e Canela* e *Tocaia Grande: A face obscura*, e revela aspectos sinalizadores da identidade da região que resultou de um processo de hibridação em que são observadas características físicas e comportamentais do índio-nativo, do negro-africano, do branco-europeu que são somadas aos costumes, hábitos alimentares, língua e maneira de ser de povos de diferentes lugares do Brasil e do mundo que aqui se estabeleceram. Nessa região aportavam povos diversos: árabes, ingleses, alemães, sergipanos que vieram em busca de trabalho e fortuna.

Em busca de trabalho e de fortuna descia do norte, subia do sul para o novo eldorado uma vária e sôfrega humanidade: trabalhadores, criminosos, aventureiros, mulheres da vida, advogados, missionários dispostos a converter gentios. Chegavam também do outro lado do mar: árabes e judeus, italianos, suíços e alemães, não esquecendo os ingleses da Estrada de Ferro Ilhéus-Conquista -The State of Bahia South Western Railway Company - e do consulado com bandeira da Grã-Bretanha, a fleuma inalterável e a sólida bebedeira. O cônsul inglês deixara família em Londres, contratara em Ilhéus uma índia silenciosa para todo o serviço da casa. Na cama, com

sua nudez pequena, ela parecia uma deusa da floresta e talvez o fosse. O Senhor Cônsul fez-lhe um lindo filho, um caboclo de olhos azuis, um gringo cor de chocolate (AMADO, 1986, p. 64).

Assim, a literatura é alimentada pela história e corrobora para a formação de uma identidade calcada no cultivo do cacau, na conseqüente relação de poder e mando e no processo de hibridação cultural.

Esse processo que aqui aconteceu delega à região uma variedade culinária, musical e religiosa muito grande, sendo comum o relacionamento harmônico entre diferentes culturas. *Tocaia Grande*, romance que procura enfocar a chegada dos migrantes à procura de trabalho nas roças de cacau, faz referência ao processo de formação da nação grapiúna, que teve na mistura de culturas um de seus principais elementos.

Cruzavam-se hábitos, maneiras de festejar e de chorar. Misturavam-se sergipanos, sertanejos, levantinos, línguas e acentos, odores e temperos, orações, pragas e melodias. Nada persistia imutável nas encruzilhadas onde se enfrentavam e se acasalavam pobrezas e ambições providas de lares diversos. Por isso se dizia grapiúna para designar o novo país e o povo que habitava e construía (AMADO, 1986, p.191).

O relacionamento entre as religiões evidencia também o processo de hibridação. Em *Tocaia Grande*, tanto a devoção ao santo padroeiro, trazido pelos brancos, quanto aos santos orixás da África são importantes para a vida de seus habitantes, neles as pessoas depositavam a sua fé, as suas esperanças e para eles faziam as suas preces.

Nos tempos da Colônia, quando ainda não existia o cacau, São Jorge trazido no oratório das caravelas pelos brancos, fora proclamado padroeiro da capitania. Montado em seu cavalo, a lança erguida, santo guerreiro, protetor na medida exata. No recesso da floresta, trazido pelos escravos no porão dos navios negreiros, Oxossi, dono da mata e dos animais, cavalgava um porco-espinho, um queixada gigantesco, um caititu. Fundiram-se o santo da Europa e o orixá da África numa divindade única a comandar o sol e a chuva, a receber as preces e as cantigas, as missas e os ebós: no andor da procissão, no altar-mor da Catedral de Ilhéus ou na choça de pai Arolu que nascera escravo e ali se acoitara para guardar a liberdade (AMADO, 1986, p. 64-65).

A culinária desta região também é bastante influenciada por hábitos, costumes e crenças de diferentes etnias. Desta forma, é possível encontrar na literatura amadiana a referência a hábitos alimentares, comidas e temperos que compõem este cenário cultural. Conforme Simões (2000), a hibridação acentuada na Bahia e, particularmente, na Região Cacaueira contribui de forma peculiar para a sua culinária. Assim, o dendê africano, a mandioca do índio e o azeite do branco português, além do trigo árabe e das raízes e farinha do sergipano são elementos indispensáveis na cozinha regional.

Vários são os exemplos que demonstram esta influência na ficção de Jorge Amado. A própria personagem Gabriela exemplifica esta questão. Gabriela é uma

retirante sertaneja que reúne nas suas habilidades culinárias contribuições de negros, sergipanos e turcos.

O café da manhã preparado por Gabriela é composto por elementos tipicamente nordestinos, como as raízes e os alimentos à base de milho e farinha e que também são característicos da cozinha baiana: “Sobre a alva toalha, cuscuz de milho com leite de coco, banana-da-terra frita, inhame, aipim” (AMADO, 1998, p.128). A batata doce, mingaus, canjica e beijus são presenças marcantes na culinária da região.

A herança do negro na comida de Gabriela se encontra nos acarajés de cobre, abarás de prata e vatapás de ouro preparados com azeite de dendê. De acordo com Simões (2000), a cor destes quitutes é indicativo do uso do dendê, condimento tipicamente baiano, que evidencia a nossa origem negra.

O quibe é marca da presença da cultura árabe que Gabriela, por influência de Nacib, aprendeu a preparar.

Ao fazer referência às habilidades culinárias e às preferências gastronômicas de seus personagens, Jorge Amado revela os hábitos culturais e alimentares da região, remetendo a reflexão sobre origens e costumes que passam pela formação da sociedade e da cultura.

Observa-se que um resgate cultural da civilização do cacau é feito pelo escritor no decorrer dos livros em questão. Em meio a história da conquista da terra, este contador de histórias apresenta as manifestações populares próprias da região. Manifestações que evidenciam a diversidade cultural que teve a contribuição da herança dos elementos formadores desta civilização. Exemplos disso são as festas e danças populares que passaram a fazer parte da vida dos personagens dos romances.

Em *Gabriela*, o autor faz referência ao Terno de Pastorinhas, que saiu pelas ruas de Ilhéus na noite de Ano Novo:

As pastorinhas com as lanternas, Miquelina com o estandarte. Nilo, o ex-marinheiro, com um apito na boca, comandava o cantar e o dançar. Da praça Seabra, na mesma hora, vinham o boi, o vaqueiro, a caapora, o bumba-meu-boi. Dançado na rua. As pastorinhas cantavam:

*Sou linda pastorinha
Venho Jesus adorar.
No presépio de Belém
Os reis magos saudar.*
(AMADO, 1998, p. 306-307)

Tocaia Grande apresenta uma das festas populares mais conhecidas do nordeste: o São João. No romance, essa festa foi comemorada em grande estilo, mantendo as

tradições nordestinas. Forró, sanfoneiro, licor de jenipapo, canjica, fogueira, quadrilha e todos os elementos indispensáveis para se festejar um tradicional São João fizeram parte da festa descrita pelo escritor.

Na noite de São João acenderam-se as fogueiras em frente aos casebres, várias; os vizinhos visitaram-se. O descampado iluminou-se com os foguetes, os busca-pés, as espadas, as rodinhas, as estrelinhas, os fósforos de cor, azuis, verdes, vermelhos, sulferinos, tão bonitos. Comeram e beberam com fartura e as raparigas confessaram embevecidas: não existia puxador de quadrilha capaz de se medir com Castor Abduim: não fosse o negro mestre em estrangeirices. Epifânia pulou fogueira com Zuleica, fizeram-se comadres (AMADO, 1996, p. 188-189).

Nessa perspectiva, estudar as representações da cidade de Ilhéus no texto ficcional construído por Jorge Amado é como ler textos que, segundo Gomes (1999), lêem a cidade, considerando a paisagem urbana, os costumes, os tipos humanos e a cartografia simbólica, em que se cruzam o imaginário, a história, a memória da cidade e a cidade da memória.

Assim, a presença desses aspectos colhidos da realidade observada e vivida na literatura amadiana acaba por marcar a identidade local e se configuram como o patrimônio cultural imaterial da região.

O mapa cultural de natureza imaterial traçado a partir dos elementos culturais evidenciados pela hibridação identificada nos hábitos alimentares, nos costumes e nas manifestações populares são sinalizações para que o leitor, tornando-se turista, possa percorrê-lo atribuindo significado aos espaços físicos, que também são focalizados na ficção de Jorge Amado.

A obra deste escritor narra acontecimentos que, a partir da chegada do cacau e com a importância econômica que ele adquiriu, geraram uma multiplicidade de relações que acabaram promovendo o progresso na região. Juntamente com esse progresso, a mentalidade, os hábitos e os costumes da população foram se modificando, contribuindo para a formação e configuração da região do cacau.

Nos romances, o escritor sinaliza o mapa cultural de natureza material de Ilhéus ao fazer referências a bairros, ruas, praças, casas e igrejas da cidade que serviram de cenário para o desenrolar de tais acontecimentos. Lugares como o Bar Vesúvio, a Igreja Matriz de São Jorge, a Catedral de São Sebastião, o Bataclan e o Antigo Porto saltam da realidade das ruas para as páginas do livro.

Por isso, é comum o leitor deparar-se com um personagem subindo a ladeira da Conquista, contemplando a Avenida da Praia (hoje a Avenida Soares Lopes), ou os Jardins da Praça Seabra (a Praça da Prefeitura), atravessando o ancoradouro para ir ao

Pontal e andar por suas poucas ruas de areia. Nos romances é possível “ver” a cidade de Ilhéus desde o Morro do Unhão ao Morro da Conquista, das casas elegantes da praia aos casebres da Ilha das Cobras, do Pontal ao Malhado, das residências familiares às casas de mulheres da vida. Nesta ambiência, Jorge Amado conta casos, conflitos, escândalos domésticos e fatos históricos.

Iniciara a desesperada busca pelo morro do Unhão. O corpanzil atirado para a frente, suando em bicas, o paletó sob o braço, Nacib percorrera Ilhéus de ponta a ponta, naquela primeira manhã de sol após a longa estação das chuvas.[...] No Unhão desfizera o trato com duas cabrochas acertadas para ajudar Filomena no preparo do jantar da empresa de ônibus.[...] Perguntara pelo porto, passara em casa do tio: não sabiam por acaso de cozinheira? [...] Nacib tocou-se para a Conquista, a ladeira ainda escorregadia das chuvas, um grupo de negrinhas a rir quando ele caiu, sujando os fundilhos da calça.[...] Nacib desceu pela ladeira da Vitória, passou pelo cemitério.[...] Aconselharam-no dar uma busca no Pontal.[...] Tomou a canoa, atravessou o ancoradouro. Andou pelas poucas ruas de areia, sob o sol, onde crianças pobres jogavam futebol com bola de meia (AMADO, 1998, p. 52-56 passim).

A ficção de Jorge Amado é povoada de fatos históricos e personagens inspirados em pessoas que viveram naquela cidade, que fazem a trama e habitam, trabalham, passeiam em espaços “reais”. É nessa perspectiva que a literatura é alimentada pela história. Ao apresentar esses espaços como cenário de seus romances, este escritor immortaliza esses lugares, levando-os para o mundo inteiro. Ao mesmo tempo, atribui à sua obra maior visibilidade, o que faz com que os leitores “vejam” a cena e desejem conhecer os lugares que serviram de ambiência para os romances. Neste caso, o leitor “vê com os olhos da imaginação o lugar físico onde se encontra aquilo que deseja contemplar” (CALVINO, 1995, p. 100).

Num processo inverso em que a história é alimentada pela literatura, esses espaços focados na ficção de Jorge Amado foram, gradualmente, adquirindo importância cultural e histórica no decorrer do tempo e à medida que a obra amadiana foi reeditada em vários idiomas, de forma que passou a ser lida por pessoas do mundo inteiro. Assim, foram ganhando importância porque fazem parte da memória da cidade, sendo testemunho dos tempos áureos do cacau, quando os coronéis construíram imponentes palacetes que refletem, até hoje, todo o poder e ostentação da época. Tempos que foram preponderantes na formação da cidade de Ilhéus e na configuração da identidade da região.

Desta maneira, esses espaços transformaram-se em patrimônio cultural na proporção em que começaram a lhes atribuir um valor. Essa atribuição de valor, segundo Martin (2001), não está centrada somente na antigüidade ou beleza, está centrada principalmente naquilo que representa no presente e que pode representar no

futuro. Este valor está diretamente relacionado com a capacidade de informar sobre aspectos históricos, culturais, econômicos e sociais de uma época.

Assim, conhecer a Catedral de São Sebastião (Fig. 1) significa compreender o quanto Ilhéus era importante e rica na década de trinta, significa compreender os valores priorizados na época, afinal a cidade era pouco religiosa, mas precisava de um Templo religioso não tão grandioso quanto a fé da população, mas tão grandioso quanto a ostentação e riqueza da época. Por isso, no lugar da pequena igreja de São Sebastião (Fig. 2), foi erguida a Catedral em estilo eclético com vitrais artísticos, colunas gregas e abóbadas romanas. No romance *São Jorge dos Ilhéus*, Jorge Amado narra o início da construção da catedral, depois apresenta a igreja quase totalmente construída, mas já aconteciam algumas missas, que, conforme Jorge Amado, eram muito freqüentadas pelas beatas e solteironas.

No lugar onde fora a pequena igreja de São Sebastião se iniciavam as obras da nova catedral, feia e majestosa, digna de uma grande capital, apesar de que a gente de Ilhéus continuava tão irreligiosa quanto antes (AMADO, 1999, p. 60).

Mas as obras da nova catedral ganharam impulso com a alta, as torres se elevando para o céu, um horror de arquitetura, os ilheenses afirmando que seria a mais grandiosa igreja do sul do Estado (ibidem, p. 194).



Figura 1 – Catedral de São Sebastião
Fotografia: Antonio Carlos P. Simões



Figura 2 – Igrejinha de São Sebastião
Fonte: www.fundaci.org.br

A catedral está situada na Praça Dom Eduardo, onde se encontra um outro bem patrimonial, o Bar Vesúvio (Fig.3), que se tornou conhecido mundialmente por causa do romance *Gabriela, Cravo e Canela*. O bar, que foi construído no final da década de vinte (Fig. 4), era famoso pelas comidas árabes que servia. Assim como no romance, sempre foi um dos pontos mais freqüentados da cidade, principalmente quando se chamava Bar Maron e tinha como seu proprietário o senhor Emílio Maron, e a senhora Lourdes Maron chefiava a cozinha. Com o passar dos anos, o bar foi reformado várias

vezes e teve vários proprietários. Atualmente, é possível sentar para comer o “quibe do Vesúvio”, experimentar outros pratos típicos da região e assistir a uma peça teatral interativa que tem como personagens Nacib e Gabriela. No Bar Vesúvio, o turista conhece um pouco da culinária típica da região e tenta se reportar para o tempo em que Nacib e Gabriela habitavam aquele lugar ficcionalmente.



Figura 3: Bar Vesúvio
Fotografia: Antonio Carlos P. Simões



Figura 4 – Antigo Bar Vesúvio
Fonte: www.fundaci.org.br

No romance, o Bar Vesúvio é o lugar onde todos ficam sabendo dos últimos acontecimentos e os coronéis se reúnem no início ou fim da tarde para conversar sobre política, cacau e mulher: “O Bar Vesúvio era o mais antigo da cidade. Ocupava o andar térreo de um sobrado de esquina numa pequena e linda praça em frente à Igreja de São Sebastião” (AMADO, 1998, p. 43).

Um dos bens patrimoniais mais conhecidos do Quarteirão foi um dos cabarés mais freqüentados da época dos coronéis. O Bataclan (Fig. 5) é também testemunho da vida boêmia e de luxo. Era um lugar caracterizado pela presença de muita música, bebida, jogos e mulheres. Nos romances amadianos, o Bataclan é o lugar onde os coronéis se reúnem para comemorar as vitórias, afogar as mágoas, jogar, beber, dançar, se divertir sem a presença de suas esposas: “O Bataclã era mais democrático. É verdade que ainda ali predominavam os coronéis, lotando os salões de jogos. Era na rua do Unhão, diante do porto”(AMADO, 1999, p. 193). Esse cabaré foi a referência da vida noturna na década de 20, possuía luxuosos salões para dança e jogos, onde os coronéis se divertiam. Nele apresentavam-se grandes artistas e mulheres do mundo inteiro. Com a proibição do jogo no país, a casa noturna foi fechada, pois não conseguiria manter-se aberta com tanto luxo, sem o dinheiro que os coronéis deixavam no jogo. O Bataclan teve a sua fachada recentemente restaurada e o seu interior, que se encontrava em ruínas, foi totalmente reconstruído (Fig. 6). Durante todo o tempo em que esteve em ruínas o turista possuía especial interesse em conhecer a principal referência da vida

noturna da década de 20. O Bataclan foi reinaugurado no dia em que Ilhéus completou 470 anos, 28 de junho de 2004. Foi ressignificado, exerce a função de espaço cultural destinado a exposições, apresentações musicais, teatrais e outras atividades (Fig. 6).



Figura 5 – Bataclan
Fonte: www.ilheusamado.com.br



Figura 6 – Bataclan
Fotografia: Antonio Carlos P. Simões

O mapa cultural de natureza material da cidade de Ilhéus dá ao turista-leitor a oportunidade de conhecer os monumentos focalizados na obra amadiana e, ao mesmo tempo, conhecer a história e a cultura que perpassam por esses espaços físicos ao sobrepor o mapa cultural de natureza imaterial, traçado anteriormente.

Pensando assim, a sugestão é que se aproveite a idéia do Quarteirão a partir dos mapas culturais de natureza imaterial e o de natureza material, mas que sejam tomadas algumas iniciativas importantes para a valorização cultural do Quarteirão. Afinal a análise demonstrou que para a formatação do Quarteirão Jorge Amado, foram seguidos alguns procedimentos que compõem um planejamento interpretativo, como o levantamento do potencial, a gestão do patrimônio que envolve a preparação, proteção e manejo do patrimônio, e o *marketing* para promover e divulgar o atrativo. Entretanto, foi verificada a ausência da montagem da interpretação, que seria o planejamento de atividades que contribuam para a compreensão do significado do lugar.

Por fim, seriam criadas atividades que dessem “vida” ao Quarteirão. Trata-se, aqui, de se elaborar um planejamento interpretativo no qual poderia ser sugerida uma trilha, como estratégia de interpretação, que teria como tema a literatura amadiana e onde o turista seguiria os passos dos personagens amadianos e, ao mesmo tempo, desvendaria a história da saga do cacau e de sua importância para a formação da identidade da região, dando maior visibilidade aos mapas culturais de natureza imaterial e de natureza material.

Diante da atual situação em que a população mal conhece as suas raízes, pode-se pensar em uma outra razão cultural para a formatação do Quarteirão Jorge Amado. O

Quarteirão formatado, valorizado culturalmente com a ênfase nos mapas culturais aqui traçados, pode ser pensado como uma maneira de transformar o centro histórico de Ilhéus em um lugar de memória (NORA, 1993), realçando a história e a literatura fazendo com que a comunidade tenha na lembrança fatos e imagens do passado refletidos no patrimônio. Fatos que foram importantes para a configuração da identidade da região e que não fazem parte do conhecimento de boa parte da população. Sendo preciso transformá-lo em um lugar de memória, já que “os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, [...] porque essas operações não são naturais” (NORA, 1993). Portanto, é preciso que o Quarteirão seja um lugar de memória para que as pessoas conheçam e valorizem a sua história e afirmem a sua identidade.

Considerações finais

O estudo da cidade de Ilhéus através das descrições amadianas demonstrou a grande influência da literatura na valorização da cidade como centro turístico, o que implica a necessidade de projetos que visem a preservação do patrimônio cultural, como é o caso do projeto Quarteirão Jorge Amado. Do mapeamento realizado, a análise identificou praças, ruas, igrejas, casarões, além de elementos culturais que contribuíram para a configuração da identidade da região, que foram referidos no desenvolvimento da trama dos romances e foram sinalizados, neste trabalho, compondo um mapa cultural de natureza material e um mapa cultural de natureza imaterial.

Os espaços citados estão sendo reconfigurados ou restaurados, buscando a valorização da cultura e do turismo. Porém, se não se pensa em programas que visem a informação da história de maneira criativa e viva, o patrimônio só estará sendo valorizado sob o ponto de vista estético e de consumo, sendo desconsiderado o valor de significado que transmite as tradições e a identidade de uma comunidade para as gerações mais novas. A sua importância histórica fica, então, esquecida. Os bens patrimoniais construídos poderiam ser valorizados culturalmente através de interpretações ao vivo, que aconteceriam durante o percurso dos turistas pelo Quarteirão. Essas interpretações poderiam focalizar as manifestações culturais e os hábitos alimentares focalizados nos textos amadianos, valorizando também os bens imateriais.

Conclui-se com isso que cabe ao planejador de turismo refletir sobre a possibilidade de transformar o patrimônio reunido no Quarteirão num atrativo turístico de qualidade e autêntico que sirva para que não só os visitantes, mas também a comunidade local compreendam o presente através do conhecimento de sua cultura, de sua história, de sua literatura, de seus costumes e lendas, transformando o Quarteirão num lugar de memória. Tal fato intensifica a necessidade de um planejamento participativo incluindo representantes de cada segmento da sociedade, cujo principal objetivo seja o desenvolvimento de ações educativas onde o cidadão aprenderia a reconhecer e preservar o patrimônio.

Desta forma, é preciso que se faça uma formatação bastante cuidadosa, com atrações bem elaboradas para que os turistas realmente entendam o Quarteirão, observem o mapa cultural de natureza material, com sua imponente catedral e seus suntuosos casarões, e identifiquem o mapa de natureza imaterial com suas histórias, costumes, manifestações culturais e lendas. Mesmo que leve um certo tempo até que tudo fique concluído é melhor planejar e evitar que uma boa idéia se transforme num grande equívoco: um lugar onde não se consegue descobrir a sua alma e nem compreender a importância da sua história para a formação da identidade da região.

Referências bibliográficas

- AMADO, Jorge. *Gabriela, Cravo e Canela*. 79 ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.
- _____. *São Jorge dos Ilhéus*. 52 ed. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- _____. *Tocaia Grande: a face obscura*. 8 ed. Rio de Janeiro: Record, 1986.
- ADONIAS FILHO. *Sul da Bahia: chão de cacau*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.
- BARRETTO, Margarita. *Turismo e Legado Cultural: as possibilidades do planejamento*. 2 ed. São Paulo: Papirus, 2000. Coleção Turismo.
- BARTHES, Roland. *A aventura semiológica*. Trad. Maria de Santa Cruz. Lisboa: Edições 70, 1997.
- CALVINO, Ítalo. *Seis propostas para o próximo milênio - Lições americanas*. Trad. Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas Híbridas. Estratégias para entrar e sair da modernidade*. Trad. Ana R. Lessa & Heloísa P. Cintrão. 3 ed. São Paulo: Edusp, 1998.
- _____. *Imagários Urbanos*. Buenos Aires. EUDEBA, 1997

CHOAY, Françoise. *A alegoria do patrimônio*. Trad. Luciano Vieira Machado. São Paulo: Estação Liberdade; Editora UNESP, 2001.

FEATHERSTONE, Mike. *Cultura Global: nacionalismo, globalização e modernidade*. Trad. Attílio Brunetta. Petrópolis: Vozes, 1998.

GARRETA, Mariano Juan. Cultura. In: *La Trama Cultural*. Buenos Aires: Ediciones Caligraf, 1999.

GOMES, Renato Cordeiro. Cidade, a literatura e os estudos culturais: do tema ao problema. In: *Ipotese: revista de estudos literários*. Juiz de Fora. V.3, n.2, 1999, p. 19-30.

MARTIN, Marcelo. Sobre el necesario vínculo entre el patrimonio y la sociedad V. Disponível em <<http://www.naya.org.ar>> . Acesso 01 de novembro de 2001.

NORA, Pierre. Entre memória e História: a problemática dos lugares. Trad. Yara Aun Khoury. In: *Projeto História*, n. 10, São Paulo: PUC-SP, 1993, p. 07-28.

PELLEGRINO, Carlos Tranquilli. Patrimônio Cultural Urbano: de quem: Para Quê? Disponível em <<http://www.naya.org.ar>>. Acesso 27 de março de 2003.

SIMÕES, Maria de Lourdes Netto. Projeto Integrado *Literatura, fluxos culturais e turísticos: bens simbólicos e mapas*. CNPq/2004

_____. De Leitor a turista na Ilhéus de Jorge Amado. In: *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, Rio de Janeiro: Abralic, 2002.

_____. *As razões do Imaginário*. Salvador: FCJA/Editus, 1998.